



Centro de Estudios Internacionales para el Desarrollo

www.ceid.edu.ar - admin@ceid.edu.ar

Buenos Aires, Argentina

ENTREVISTA

CONFISSÃO DE JONUEL GONÇALVES: O "NOMADISMO" POR VEZES CANSA

Texto *adebayo vunge*
Fotos *quintiliano dos santos*

Novo Jornal (Luanda, Angola) 31 Outubro 2008



Jonuel Gonçalves é uma pessoa extremamente interessante. Sobretudo porque traz sempre uma opinião, relevante e com abordagens diferenciadas. Jornalista. Economista. Intelectual versátil e dono do nomadismo austral, apresentou recentemente, em Luanda a sua obra literária Café Gelado, escrita com a liberdade deste ficcionista a acérrimo defensor do novo acordo ortográfico. Por esta razão, procuramos fazer esta entrevista por escrito, que se torna também uma lição sobre as novas regras da escrita na língua portuguesa falado em oito países do mundo.

Confesso que é impossível conversar consigo e não abordar inicialmente a actual crise financeira americana. Como lhe parece que serão os próximos dias?

A crise teve origem na irresponsabilidade de grandes instituições financeiras, que procuraram multiplicar a venda de casas com base em crédito fácil, operação da qual esperavam lucros enormes para os grandes acionistas e até para executivos. Centenas de millar de clientes não puderam pagar as prestações e as perdas foram do volume que sabemos. O problema agora é como evitar que os prejuízos se difundam para outras áreas da economia por longo prazo. Ao mesmo tempo, como evitar que os responsáveis pelo desencadear da crise tirem vantagens dos planos de socorro ao sistema financeiro e venham a repetir aquelas práticas. Quer dizer, são os métodos de funcionamento do sistema que estão em causa. A presente crise revela imperfeições graves do mercado e aconselha a implementação de mecanismos reguladores. No curto prazo, a intervenção estatal vai acentuar-se mas as incertezas nos grandes mercados vão manter-se até que se avaliem os efeitos práticos das injeções de capital. Durante esse período assistiremos a dificuldades de crédito, com efeitos na movimentação económica interna de vários países e no comércio internacional.

Terá, esta crise, grandes reflexos nas eleições americanas?

A presente crise favorece a candidatura de Barack Obama, partidário de fórmulas reguladoras e de primazia do capital produtivo em relação ao capital especulativo.

Angola manter-se-á mesmo in- cólume a esta crise, num mundo globalizado?

Angola já sofre alguns efeitos como importador de bens de grande consumo, que se tornaram mais caros em virtude de inflação na Europa. Se a crise mundial se prolongar pode também haver redução do consumo de petróleo, o que faria baixar os preços do barril.

Com que visão ficou das eleições em Angola?

Estas eleições revelaram um quadro político parecido com a África do Sul e Namíbia, onde os partidos no poder possuem larga margem e, por consequência, os debates internos –ou as tendências internas– assumem um valor central para a democracia. Isto significa crise das oposições clássicas, que tinham na situação de guerra o tema primordial de discurso, mas que ficaram sem programa perante a realidade de pós-conflito.

É daqueles que apregoa que as eleições em Angola foram um exemplo para África (mesmo com a barraca da logística e a esmagadora maioria do MPLA)? Porquê?

A barraca da logística não tirou legitimidade às eleições, mas não permite apresentá-las como exemplares no sentido positivo. Pelo contrário, chama a atenção para a urgência de aperfeiçoar as formas de trabalhar, dado que também se aplica a outros aspectos da vida nacional. A vitória esmagadora do MPLA cria um contexto atípico à escala mundial, já que, mesmo em situações de crise ou de refluxo, raramente as oposições descem tão baixo. Por outro lado, vai permitir estudos sobre o comportamento de uma formação política que conquista altíssima margem de governabilidade.

Até aqui, a maior parte dos estudos na matéria incidiam na situação oposta: onde as maiorias relativas dificultam o exercício da administração pública.

O que é que considera ser a "crise das oposições" como escreveu no seu blog do dia 10 de Setembro?

Bem, essa crise aparece na fragilidade das lideranças e nos erros dos discursos, mas tem a ver também com as dificuldades da UNITA em superar a imagem guerreira aos olhos de boa parte da opinião pública. Dos demais partidos da oposição não surgiu nenhuma proposta alternativa ou nova liderança aglutinadora, ficando um quadro de dispersão entre pequenos aparelhos.

De onde vem esta paixão pelo Rio de Janeiro?

A paixão pelo Rio de Janeiro começou nos anos 60 quando lá cheguei pela primeira vez e senti uma grande solidariedade com a luta pela independência de Angola, ao mesmo tempo que participei de grandes debates culturais e encontrei pessoas com uma visão de mundo muito próxima da minha. Havia uma grande circulação de ideias que respondiam a buscas que fazíamos em Luanda naquela época. Eu era adolescente e essa fase é sempre marcante, sobretudo porque em seguida fiz grandes amigos e criei laços familiares. Criou-se, portanto, um vínculo permanente renovado em 1.999 quando voltei ao Rio para fazer meu doutoramento.

E por Ondjiva?

Ondjiva é outro vínculo permanente, iniciado em criança com uma grande curiosidade sobre a História do Kunene e as dúvidas que a versão colonial nos deixava. Gradualmente fomos vendo que essa versão era falsa e isso acentuou a vontade de conhecer a região. Só o consegui fazer no começo dos anos 80 e, mesmo assim limitado a Xangongo, em virtude da guerra mais a sul. Após as eleições de 1992

consegui ir a Ondjiva fazer alguns trabalhos radiofónicos sobre a situação de conflito na província, com mais incidência nas barragens de Ruacana e Kaluque, pelos seus impactos económicos. Nesse momento decidi estudar o rio Kunene como parte do meu projeto de doutoramento e fiz também muitas amizades, que mantenho até hoje e me ligam muito a Ondjiva. Nos dois casos há uma paixão pelas respectivas ecologias, muito diferentes (cidade de praia, cidade de savana), mas que na minha cabeça se completam. E é claro, os amigos em ambas...

Viajando constantemente pelo mundo é ainda um imperativo profissional / intelectual ou é uma paixão?

Há imperativos profissionais e intelectuais – por exemplo, convites para seminários e conferências, irrecusáveis – há o hábito de viajar desde que era exilado nos anos 60 e começo de 70, há a vontade de rever amigos em várias cidades do mundo e de rever essas cidades e há também minha inserção numa forma de cultura que se designa por cosmopolitismo, no sentido que lhe atribui o Kwame Appiah. O resultado é este nomadismo que – confesso – por vezes cansa mas que, se fico muito tempo parado, é um grande apelo.

Porta-bandeira no Brasil

Qual é a visão que os brasileiros têm de África?

No geral os brasileiros conhecem pouco sobre o continente africano. Sabem apenas que metade da sua população tem antepassados africanos. A grande massa que acompanha futebol, conhece os grandes jogadores e equipas africanas, enquanto os intelectuais conhecem os escritores, sobretudo de língua portuguesa ou os galardoados com prémio Nobel. Nos movimentos antirracistas há um conhecimento de elementos históricos mas mesmo a esse nível faltam elementos atuais.

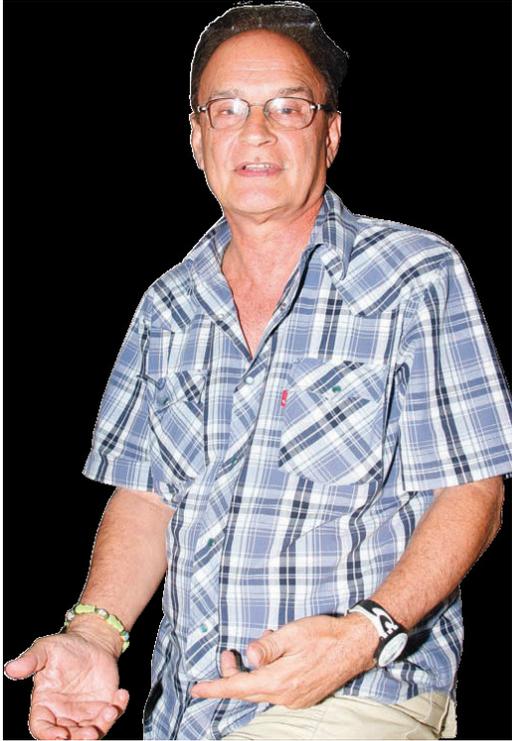
E de Angola?

Angola é, nesse quadro de fraco conhecimento, um dos melhor conhecidos no Brasil. Desculpem a falta de modéstia, mas acho que, pessoalmente, tenho contribuído para isso.

No plano cultural (lingüístico mesmo) assume-se como um acérrimo defensor do novo acordo ortográfico. Porquê esse entusiasmo? Ou é apenas reflexo da sua proximidade com o Brasil?

Desde o início do ensino secundário sempre fui bom aluno a português, sempre gostei muito de escrever e sempre procurei usar linguagem de sentido prático, o que me causou problemas com alguns professores que

confundiam linguagem elaborada com linguagem complicada e davam á gramática um perfil aristocrático. Acresce que, das lutas políticas em que participei, fazia parte uma forte vertente de afirmação cultural. Assim, é minha opinião que a língua portuguesa tem recebido contribuições decisivas de África e América do Sul, que lhe dão mais ritmo, mais força e criaram novos padrões. Aproximar pronúncia e grafia



pareceme essencial e, nesse sentido, acabar com as consoantes mudas, elimina sinais desnecessários e facilita o aprendizado pelas gerações futuras. É uma evolução da escrita que já ocorreu no passado, quando se ultrapassaram os antigos "pharmácia" ou "commércio". Agora passamos dos inúteis "redacções" ou "actuais" a redações e atuais. Letras indispensáveis á comunicação moderna passam a fazer parte da nossa língua (k,w, y). Desde o ano 2.000 que escrevo segundo as normas básicas do Acordo, incluindo minha tese de doutoramento, livros e artigos. Por exemplo, aqui no "Novo Jornal" têm respeitado essa minha decisão e até minhas respostas nesta entrevista serão transcritas segundo essas

mesmas regras. São os ultra-conservadores portugueses que tentam fazer crer que o acordo é inspirado pelo Brasil. Falso. É acordo entre oito países e no Brasil surgiram também muitas resistências, por exemplo á abolição de certos acentos.

Estará Angola preparada para esta mudança no plano do ensino, da comunicação social, tecnológico e outros?

Não há nenhum obstáculo em qualquer desses domínios à aplicação em Angola. Como em situações anteriores, terá de ser fixado um período de transição que levará em conta os textos oficiais, os de mídia e os livros didáticos. Mas é bom sublinhar que se trata de acordo que muda algumas regras para escrever mas não para falar. Aproxima as duas.

É mais economista ou mais jornalista? Qual é a sua real paixão?

Muito mais economista e, na mídia, prefiro escrever sobre economia. Porém, minha inserção em combates culturais também me apaixonaram pela crónica do dia-a-dia e, por essa via, cheguei ao conto e ao romance.

Porquê este título da sua última obra literária - Café Gelado?

Eu mesmo não sei bem porque coloquei esse título. Pode-se dizer que sou viciado em café e acabei por construir três personagens de três continentes, que gostavam de café gelado, bebida que consumi bastante na fase em que vivi na África do Sul. Talvez tenha sido algo do sub-consciente misturado com algum tipo de estética.

Fala também, no seu blog, nos dias que antecederam as eleições, sobre a cidade de Luanda? O que lhe parece a sua cidade natal hoje?

Luanda tem conhecido grandes mudanças desde 1575, mas nenhuma de tão grande dimensão como a dos anos 90 do século passado. Está com todos os problemas das grandes metrópoles do terceiro mundo e precisa encontrar saídas com rapidez, porque quanto mais tarde mais se transformam em nó cego. Quando eu era garoto e víamos filmes de outras cidades do mundo, achávamos Luanda muito acanhada e pouco animada. Hoje não podemos deixar de achar que está engarrafada demais. Um engarrafamento que não é apenas de trânsito, mas também de oportunidades de emprego, de habitação, etc. Apesar disso, Luanda continua a ser grande produtora de cultura e mais será se, pelo menos, alguns dos engarrafamentos forem resolvidos.